



Joaquim Itapary partiu para a morada eterna e deixou entre seus amigos *um vazio muito grande*



Joaquim Itapary, que desde o último domingo transformou a si mesmo em eterna metáfora de Vida, em registro no seu apartamento com as amigas Marilete Viégas, Lenita Lago Bello e Madalena Veiga

• PAG. 2

Em sua bonita residência, no Calhau, Raissa M. Lima reuniu muitos amigos *para festejar sua nova idade*

• PAG. 4 e 5

Divulgação



COM
94 anos bem vividos, o ex-presidente José Sarney não entrega os pontos. E como um jovem atleta faz caminhadas e atrai fãs como o empresário Luciano Gomes que posou ao seu lado na manhã de sexta-feira, 2, na Avenida Litorânea

O escritor francês Chateaubriand cunhou uma frase que é pura sabedoria: “Duas pontas de uma mesma vida não são unidas por apenas um indivíduo, mas por vários – e esse seria o maior dos nossos dramas”.

Ainda que haja controvérsias, acredito que estivesse se referindo ao incontestável fato de que, durante a nossa trajetória existencial, assumimos muitas personalidades distintas, que variam conforme o tempo e o espaço.

Os psicólogos e os pedagogos é que sabem: as crianças – e os adultos, logo todo mundo – não agem da mesma forma em casa, no parque e na escola. Para cada ambiente, um comportamento; para cada convivência, uma maneira própria de dialogar. Isso porque não somos sozinhos no mundo. Somos o conjunto das nossas experiências somadas ao que pensamos que o próximo pensa de nós.

Complicado? Nem tanto. Para trocar em miúdos, basta dizer que sempre considera-

HÁ UMA IDADE PARA TUDO:

somos o conjunto das nossas experiências somadas ao muito que pensamos que o próximo pensa de nós

mos a opinião dos outros quando avaliamos o nosso caráter.

Mais do que isso: consideramos a opinião dos outros quando assumimos o personagem adequado para o momento e decidimos agir da maneira como agimos nas diferentes circunstâncias da vida.

Do mesmo modo, ao longo dos anos, mudamos a nossa forma de ver o mundo e de nos comportarmos, de encarar as outras pessoas e de resolver os nossos problemas. Há uma idade para tudo. Há a idade do idealis-

mo, normalmente na adolescência ou no princípio da vida universitária, assim como há a idade do progresso a qualquer preço, de lutar pelo sucesso, de matar um leão por dia e de fazer das tripas coração para atingirmos um objetivo externo a nós mesmos: uma promoção no trabalho, um diploma de pós-graduação, uma aquisição material.

Mas também há, quero crer, a idade da política, quando surgem os confrontos mais coléticos e o desejo de não mais adequar a sociedade aos nossos sonhos, mas de tornar es-

sa sociedade mais humana e menos hipócrita.

Claro que nesse mesmo ponto podemos nos deparar com a idade do conformismo e da resignação, sem dúvida necessária para que seja depurado e possamos chegar àquele momento de serenidade que se convencionou chamar “maturidade”.

E há um último instante, que pode durar muito nos dias de hoje, a idade da sabedoria, coroamento de um périplo que funciona com a ordem natural das coisas, uma ordem que devemos aceitar sem maiores problemas. Só devemos temer a admoestação que o bobo da corte criado por Shakespeare faz ao seu amo Rei Lear: “Por que tanta gente atinge a velhice sem nunca ter atingido a sabedoria?”

Chateaubriand estava coberto de razão quando disse que não somos um, mas vários ao longo da vida. Menos no exagero com que classifica essa variedade comportamental como o maior dos nossos dramas.

UM OLHAR DE MENINO E UMA ETERNA METÁFORA DE VIDA

1 Alguém me fala que, depois de longo afastamento, reencontrou-se com uma esquecida fé, e desde então certos tropeços que a vida lhe aprontou foram perdendo a coloração dramática de que pareciam revestir-se.

Não duvido. Estive outro dia no Santuário de São José de Ribamar, curiosamente em pagamento de uma promessa alheia, e me comoveu ver tantas pessoas confiando ao vigário da paróquia íntimos requerimentos e esperanças.

Sou um católico relapso, confesso. Não vou à missa com muita frequência, não confesso nem comungo uma vez por ano, acho que ninguém me tomaria por um modelo de virtudes evangélicas. Mas algumas das horas mais tocantes de minha existência transcorreram no interior de igrejas. As cerimônias da Sexta-Feira da Paixão, em Presidente Dutra, me emocionavam por sua plástica sombria. Aquelas orações em bom e velho latim, aquelas imagens aprisionadas sob mantos violeta, a contrita visitação ao Senhor Morto pela delegação dos proscritos – das chamadas mulheres de vida airada às demais ovelhas desgarradas do aprisco – incendiavam e enterneciam minha imaginação.

Num domingo inaugural em Paris, fui à Catedral de Notre Dame. O canto gregoriano estremecia os vitrais, recriava-se glorioso o ritual do Sacrifício – e se o denomino assim é porque, num fugidio, mágico instante, senti a presença de minha mãe, ali tão docemente próxima, ali tão definitivamente para sempre exilada de mim.

Há perto da Via Appia, em Roma, uma capela humilde. É órfã de majestade e esplendor. Não se deparam ali brilhos nem requintes. Mas tem no chão uma pedra. Nela se acham gravados os passos do Filho de Deus, pobres e descalços, como se mantiveram através da poeira dos milênios, a partir do momento no qual, de acordo com a lenda, surpreendeu Pedro em fuga e lhe perguntou: Quo vadis?

Volta e meia penso que, no Juízo Final, quando pesarem numa balança meus numerosos pecados e meus escassíssimos méritos, Pedro em pessoa será meu advogado.

– Deixem esse aí entrar – dirá. – Ponham ele em algum recanto de sonhadores. Pois atesto e juro que, numa tarde de dezembro, o vi ante o presépio armado na Praça da Matriz, em Presidente Dutra, contemplando a cena com um olhar de menino.

2 Há mortos e mortes – na Literatura e na vida real –, por conta de obras de arte ou de artistas do humor negro. Na vida real, há os eleitores “mortos”, que não deixam de comparecer às urnas. E na velha oligarquia do poder, houve o fictício (mas tão real) “patriarca” de Gabriel García Márquez. Vivía “morrendo” e sendo picado pelos urubus – mas não deixava de governar “como se estivesse predestinado a não morrer jamais”.

Houve, na literatura de Jorge Amado, A morte e a morte de Quincas Berro D’Água, assim como a célebre morte do primeiro marido de Dona Flor – o bom vivaz Vadinho, que passou a frequentar a cama de sua própria viúva, partilhando-a com o novo marido, vivo, mas “cornu” de um defunto...

E houve os mortos-vivos de Érico Veríssimo, em Incidente em Antares, com destaque para a morte do coronel Tibério Vacariano, o chefe político local.

Na Ilha de São Luís, anos 1970, aconteceu a morte de Erasmo Dias, um intelectual e ex-deputado estadual, que ouviu no rádio o anúncio fúnebre do seu próprio óbito. O anúncio teria saído na rádio Timbira, bancado pelos próprios “amigos” do morto:

– A família e os amigos de Erasmo Dias, ainda consternados com o seu prematuro falecimento, ocorrido às 22h de ontem, convida familiares e pessoas amigas para a cerimônia dos seus funerais, a ter lugar na capela do Cemitério do Gavião, às 16h de hoje.

Uma “peça” montada pelos “patifes” do Senadinho da Praça João Lisboa, ou pela turma irreverente do Moto Bar.

Os efeitos não tardaram a aparecer. Mal se acostumara à condição de “morto” – e o telefone já tocava:

– É o Erasmo...?



Joaquim Itapary

– Eu mesmo! E estou bem vivo, seus filhos da p....!

Passou a manhã inteira se escondendo, até que criou coragem, resolveu sair de casa para “enfrentar” a própria morte.

Por incrível que pareça, foi-lhe até agradável. Erasmo pôde sentir o quanto era querido pelos verdadeiros amigos, que deixavam o queixo cair de puro espanto, correndo para abraçá-lo com efusão:

– Erasmo, então quer dizer que estás vivo? Vivo!?

E ele, satisfeito:

– É. Foi só uma mortezinha à toa...

O episódio teve lá a sua graça, mas a indesejada senhora pode se tornar querida. É o que sugere o romance do português José Saramago, As Intermitências da Morte, que relata uma inédita greve da dama das trevas. Num país imaginário, as pessoas simplesmente param de morrer. Todos sobrevivem a acidentes de trânsito, tentativas de homicídio, desabamentos e doenças. Ficam estropiados, sofrem, entram em coma, mas não partem. A população entra em pânico, os governantes ficam confusos, há um abalo na economia e os religiosos, que vendem o seu peixe em troca da ressurreição, revoltam-se contra as autoridades.

Mas quem pode fazer alguma coisa? A causadora de todos os transtornos, embora seja a mais democrática das criaturas – juíza isenta e lúcida, que não se deixa subornar nem iludir, incorruptível, absolutamente equânime nas suas escolhas, campeã da igualdade –, é também uma déspota. Não dá satisfações para ninguém, nem nas suas ações nem nas suas omissões.

Caçadora paciente e perseguidora implacável, acompanha-nos desde o primeiro dia da nossa existência, à espera do encontro que só ela marcou. Há quem a rejeite de forma absolutamente radical, como uma outra dama amargurada que assim se manifestou: “Acho a morte tão horrível que odeio a vida por me conduzir a ela”. Há, porém, quem a ame de verdade, como o poeta que diz: “Louvada a morte, que nos faz irmãos”.

Pretensiosamente, contraponho-me aos dois: Louvada a vida, que nos conduz ao amor.

A verdade verdadeira é que só morrem os que são amados, pois a rainha dos designios insondáveis tem o poder de deixar na alma

daqueles que ficam uma tatuagem indelével chamada saudade.

3 Na fábula de La Fontaine, se bem me lembro, um velho lenhador escorrega e deixa cair o pesado feixe que carregava. Indignado, pragueja:

– Que vida desgraçada. Melhor seria a morte!

Pimba. Aparece diante dele a velha senhora, com a sua conhecida indumentária e o inconfundível instrumento de trabalho.

– Chamou? Chamou?

Apavorado, o homem sai pela tangente:

– Sim, para que me ajude a colocar novamente a lenha às costas.

Tem lá a sua graça, mas a indesejada senhora também pode se tornar querida. É o que sugere o romance do português José Saramago, As Intermitências da Morte, que relata uma inédita greve da dama das trevas. Num país imaginário, as pessoas simplesmente param de morrer. Todos sobrevivem a acidentes de trânsito, tentativas de homicídio, desabamentos e doenças. Ficam estropiados, sofrem, entram em coma, mas não partem.

A população entra em pânico, os governantes ficam confusos, há um abalo na economia e os religiosos, que vendem o seu peixe em troca da ressurreição, revoltam-se contra as autoridades. Mas quem pode fazer alguma coisa? A causadora de todos os transtornos, embora seja a mais democrática das criaturas – juíza isenta e lúcida, que não se deixa subornar nem iludir, incorruptível, absolutamente equânime nas suas escolhas, campeã da igualdade –, é também uma déspota. Não dá satisfações para ninguém, nem nas suas ações nem nas suas omissões.

Caçadora paciente e perseguidora implacável, acompanha-nos desde o primeiro dia da nossa existência, à espera do encontro que só ela marcou. Há quem a rejeite de forma absolutamente radical, como uma outra dama amargurada que assim se manifestou: “Acho a morte tão horrível que odeio a vida por me conduzir a ela”. Há, porém, quem a ame de verdade, como o poeta que diz: “Louvada a morte, que nos faz irmãos”.

Pretensiosamente, contraponho-me aos dois: Louvada a vida, que nos conduz ao amor.

A verdade verdadeira é que só morrem os que são amados, pois a rainha dos designios

Arquivo

insondáveis tem o poder de deixar na alma daqueles que ficam uma tatuagem indelével chamada saudade.

4 Gratidão especial ao escritor sambentuense Joaquim Salles de Oliveira Itapary, que desde o último domingo transformou a si mesmo em eterna metáfora de Vida

O mundo seria pequeno demais, tosco demais, árido demais, rústico demais, absurdo demais, selvagem demais, angustiante e opressor demais, infeliz demais, triste demais, pesado demais, impraticável e sem sentido se não fosse a Poesia. A Poesia é o sopro que areja a existência de tudo, é o bálsamo que lubrifica o atrito entre as engrenagens que compõem o mundo, é a panaceia vital capaz de permitir o fluir da seiva intangível que confere, se não sentido, pelo menos o conforto e o aconchego necessários para que o peso do existir tenha leveza e possa alçar do solo duro os pés que, então, ganham como que asas. A Poesia permite voar e transcender as limitações do corpo, tocando sutilmente os intransponíveis limites da eternidade.

A Poesia redime a Vida e domestica a Morte, já que esta não pode ser vencida. Domestica e ludibria, porque, a partir de seus frutos, que são as Artes, consegue manter viva a chama do Poeta por meio da permanência de suas Obras na Memória coletiva. Enquanto houver quem cante o canto do Poeta, enquanto houver quem leia suas linhas, quem contemple suas telas e esculturas, quem escute a sua música e a sua voz, quem assista às suas encenações e produções visuais, quem viaje em suas fotos, quem reflita sobre suas propostas, a finitude seguirá sendo protelada e o pulsar da Vida continuará achando caminhos para fluir como sangue vital por veias infinitas.

A Poesia não se extingue junto com o último suspiro do Poeta. Justamente por ter sido Poeta é que ele consegue erigir em vida um castelo sólido de tijolos de brisa, amalgamado na argamassa da criatividade e da inspiração, fundeado nas entranhas da alma e, por isso mesmo, inabalável, irredutível e indestrutível.

O castelo da obra do Poeta permanece e permanecerá, porque foi construído em Poesia, a mais perene e sólida matéria já concebida pelos deuses, pelos anjos e pelos homens. O Poeta se vai e dele sentiremos imorredouras saudades. Mas amariaremos essas saudades contemplando a existência que fica, amparados pela Poesia que o generoso Poeta nos deixa de legado. A ele, portanto, teremos sempre graças a dar. Temos de ser gratos aos Poetas, de todas as Artes.

5 Aliás, mais triste, impossível! Foi assim que iniciei a última semana de julho, quando acordei com a triste notícia da partida do meu querido amigo Joaquim Itapary.

O Maranhão perdeu um grande homem, um intelectual completo, de conhecimento vasto e dono de um texto primoroso. O Maranhão perdeu uma figura pública exemplar. A literatura está menor neste crepúsculo de julho. Eu aqui, ainda me recuperando de um ligeiro mal-estar num leito de hospital, também me sinto menor e lamento não me ter sido possível participar das cerimônias de despedida de Joaquim.

Uma dor imensa, uma saudade de irmã. Sim, eu e Joaquim somos amigos de uma vida inteira. Nossas famílias sempre caminharam juntas, conectadas espiritualmente. Nunca houve um dia em que não trocássemos algumas palavras pelo telefone. Nunca houve um dia em que ele não me enviasse uma mensagem pelo Whatsapp. Pra falar sobre a gente, sobre o Maranhão, sobre o Brasil, sobre o mundo. Pra falar sobre Edna. Pra falar das saudades de minha mãe Zazá.

Trabalhamos juntos, dividimos experiências jornalísticas e literárias, frequentamos festas, trocamos conselhos, observamos a política, divergimos em alguns momentos. Mas nunca perdemos o respeito, a cumplicidade e a fraternidade que nos uniam desde a juventude. Submetíamos nossos textos um ao outro, sem qualquer pudor, antes de levá-los a público.

Haveria muito mais a dizer sobre a nossa amizade e a nossa convivência. Sobre o que vimos e ouvimos ao longo de mais de meio século. Mas fico por aqui, com o coração partido.

Em oração, junto-me à sua amada esposa Edna e aos seus filhos Marcelo, Maurício e Márcia. Que Deus receba o meu estimado amigo-irmão Joaquim Itapary na sua morada eterna!

Good Times Celebration

Good Times era uma das principais e mais concorridas festas temáticas da inesquecível Boate Genesis que acontecia toda primeira sexta-feira do mês.

Nessa noite a Genesis recordava as músicas e as grandes Discotecas do Brasil e do Mundo. Hipopótamos, Galery, Regines, New York City e Papagaio Disco Club, além, é claro, do Studio 54 em Nova York, que frequentei algumas vezes nos anos 1980.

O Good Times também relembra a música daqueles bons tempos com especial atenção a Disco Music e seus sucessos.

Após o encerramento das atividades da Boate Genesis em 2000, foram iniciadas as festas temáticas para lembrar a icônica boate de São Luís.

De uma festa com um público médio de 100 pessoas, o evento Good Times cresceu e hoje movimentava centenas de apaixonados pela década mais dançante a alegre de todos os tempos.

Good Times Celebration...2

O próximo Good Times Celebration, vai comemorar os 45 anos de cabine de som do DJ Salim Lauande, que começou animando eventos da alta sociedade, aniversários, desfiles e eventos diversos. Depois foi trabalhar nas Discotecas e Boates da Cidade tais como Studio Ganf, PH 83, Apokalipse, Caixa Alta, Flashdance e por fim abriu a sua própria casa noturna com os sócios Álvaro Carneiro e Ricardo Pacífico.

Dessa união, nasceu a Boate Genesis que funcionou de 1986 a 2000.

O Good Times Celebration vai homenagear as Divas da Disco Music, com a performance da cantora maranhense Raquel Pop interpretando sucessos da Donna Summer, Glória Gaynor e Irene Cara.

Donna Summer e Glória Gaynor já se apresentaram em São Luís, em shows promovidos por este Repórter PH. Donna Summer já morreu e Glória Gaynor completa 81 anos e fará apresentações no Brasil este ano.

Outra apresentação confirmada é do DJ / VDJ Marcelo Paes no Good Times Celebration, DJ residente da Festa Só 80 em Belém do Pará.

O Good Times super especial que celebrará os 45 anos de noite do DJ Salim Lauande, será no dia 17 de agosto nos Salões do Blue Tree Towers, a partir das 21hs.

Noivas de agosto

Maior, que durante muito tempo foi soberano como o mês das noivas. Está perdendo força, atualmente, no ranking dos meses mais procurados para subir ao altar aqui no Brasil.

Apesar da tradição, o famoso “mês casamenteiro” perdeu o seu lugar para dezembro e janeiro – e agora também para agosto – mas continua no pódio e não tem nenhuma previsão para sair.

Para quem não sabe por que maio é considerado o mês das noivas, existem algumas teorias que tentam explicar essa fama. A primeira delas é a chegada da primavera nos países do Hemisfério Norte. A estação das flores e colheitas traz um cenário natural que tem tudo a ver com casamentos. Afinal, as flores são elementos importantes nas decorações tradicionais.

Outra crença é a grande influência do catolicismo na sociedade. Segundo a Igreja Católica, maio é o mês oficial de homenagens à Maria, mãe de Jesus Cristo. Como antigamente a ideia da maternidade era muito associada ao casamento, casar-se em maio era sinal de sorte.

A terceira teoria tem a ver com hábitos da Idade Média. As baixas temperaturas características do outono e inverno faziam com que os banhos fossem raros naquela época. Sendo assim, o primeiro banho do ano costumava acontecer apenas em maio. Noivos escolhiam o mês para que todos estivessem prontos e limpos para a festa!

Noivas de agosto...2

É provável que aqui nos trópicos agosto se aproxima mais da primavera, daí ser cada vez maior o número de noivos que estão preferindo a realização da cerimônia de casamento nesse mês, desbancando a tradição do mês de maio.

Entre os casais de jovens que optaram pelo mês de agosto, estão Hannah Rolim e Rogério Duallibe, que dirão o tradicional “Sim” na Catedral Metropolitana de São Luís, nesta sexta-feira (2 de agosto), às 19h.

Após a cerimônia, os noivos receberão os convidados para uma grande festa no salão de eventos do Blue Tree Towers, ao lado dos pais dela, Magnólia Rolim, Rodrigo Vilarinho e Roncalli Bendegó, e dos pais dele, desembargador Ricardo Bugarim Duallibe e Virgínia.



Benjamim Franklin Alves e Vanuza iniciaram o mês de agosto curtindo boas aventuras. E, seguindo o rastro de ubermodel Giselle Bundchen, que passou pelo local na semana passada, o casal foi curtir o paradisíaco balneário de Atins, nos Lençóis Maranhenses

Do mar-oceano, quero os olhos verdes

Não faz ideia do que é ser de onde não tem mar quem nasceu e vive no litoral. Tiro por mim que vim das brenhas, lá dos cafundós do Sertão e me extasio com a festa aquática. Do mar-oceano, quero os olhos verdes, arregalados, assim me espianando de viés, enquanto leio e sonho. E ainda hoje, cravada em mim, essa imagem enfeitada a lapela da alma, faz meu peito espalhafatoso rir que nem demente... Decerto, integra a cultura que nos legou o tombadilho, seja – portanto – nós, vocês e eu. Daí, um testemunho pessoal aqui cai bem.

Vem de longe a paixão, dos meus cinco anos – idade em que no nosso clã ninguém morria. (Imito Fernando Pessoa: o que sou é ter crescido e ser órfão). E conto: papai, do interior e me tendo à mão, viu-me embarçado com as águas em ondas quebrando na praia. Disse: “É o mar, meu filho” – e me bastou. Foi como se, ali, ele me apresentasse à utopia. (Agora, esse anúncio do pai me evoca o argentino Jorge Luis Borges, morto há 38 anos: O mar, o velho mar, já estava e era). Embeveci para sempre. E, desde então, fiz do oceano companheiro e cúmplice, compadre e cupincha desta vida marinheira que, por erro de classe, me deixam viver. E vivo – intensamente.

Hoje, a modéstia já não me cala mais a boca: vivi a vida em demasia, sim. Vivi-a junto e só, em livros e na rua, pelos amores e em geografia, por toda parte onde medra a ação e o pensamento.

Em outras terras, o mar me viu com tons que não o esverdeado que se vê da ótica do Nordeste, ou jade, a cor da água em Portugal. Era Rafina, vilarejo grego que lambe Atenas, eu um jovem que fazia versos, acreditando no dizer poético para salvar o mundo. A minha companheira de viagem estranhou tanto azul anil – pensando bem, de Mondrian – saindo do Mar Jônico. Por ironia, falei que era o cisco do Atlântico, coado no Estreito de Gibraltar, fazendo de boia o cocô árabe do medieval Magreb – mais lixo “cívico” do sul da Europa. E o resto – Tirreno, Egeu, Mediterrâneo, Adriático... – blefes e sacanagens dos mapas. Ai, ela me olhou assim como quem olha doido. E, naquele momento, estava redondamente certa a minha amiga...

Como nunca tive a pretensão de escrever um diário de viagem, prefiro falar da magia do Atlântico – massa líquida que finge e significa afeto, molda-nos a sensualidade, dá ritmo à voz, põe sal no texto... Mesmo que em outras praias o mar nos veja com olhos diferentes, a alma lusotropical vive e continua dolorida. Não sei de ansia literária mais madrastra, a dar e a receber pancada. É látego vindo das ondas desconuais do oceano que nos borda e serpenteia – diria alguém chegado ao (e do) Parnaso. Existe, sabe-se lá, argonauta em nós que vem dos almirantes Vasco e Cabral, de mares nunca dantes, travessias... Tudo Atlântico, vindo e indo nas naus de Sagres, no sargaço pescador, na agonia. É só correr a vista por Camões, Florbela Espanca, Bandeira, João Cabral, Eça, Graciliano, Machado, Rosa (sem Minas), Saramago... – e tantos mais que deram, em literatura, a emoção que a vida nos negou, ou não nos pôde dar.

Por isso, assim e mais, vou louvar o mar. A mim, já e sempre, conta como te vejo verde e o quanto te quero bem, meu querubim. Conta o modo como te via ao lado do pai; conta o jeito e a forma com que contigo sonhei em sertanejo, o modo de te ler e descobrir em português... Por tudo, deves cantar intenso e estridente, oceano. E cantar muito. Até nos polir o sensitivo, ferindo o peito gauche e a desperta os peixes.

Canta, sobretudo, pra ninar a minha alma sertaneja e caipira; canta doce, água atlântica, abissal...

O Suicídio da Consciência

São misteriosos os caminhos percorridos por uma obra de arte em nossa vida. Somos o que somos porque nos impregnamos dos grandes autores, ou apenas nos identificamos com eles? Fomos formatados pelo que nos mostraram ou temos nossa contribuição autônoma, herdada ou elaborada, de princípios, certezas, hábitos, percepções que definem nosso perfil? Faço essas perguntas depois de rever, pela enésima vez *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini, que encaro como um romance literário via narrativa cinematográfica e que versa sobre o suicídio da consciência, em que um protagonista, interpretado por Marcello Mastroianni, vive o vazio de uma rotina de jornalista de fofocas que desiste da carreira de escritor e acaba publicitário.

O defecho do filme é revelador. A turma dos madrugadores aporta numa praia onde está sendo recolhido um monstro marinho, uma araiá morta há três dias, que mantém um olhar onívoro, que devora todos ao redor. Marcello rodeia o bicho e não consegue escapar daquele olhar, que é a sua consciência morta ainda encarando o que fez da sua vocação. Ele se afasta do grupo e enxerga ao longe a garota que conheceu no dia em que tentou escrever seu romance. Retrato da inocência e da pureza, a menina veste luto sobre a branca areia e tenta lhe dizer alguma coisa, mas Marcello está impermeável, já fez sua escolha. Então ele se retira e a moça é filmada em seu esplendor de vida nova e nos olha como denúncia e convivência.

Ficamos firmes em nossa vocação porque não quisemos ser aquele pobre profissional romano que circula por vários ambientes humanos com seu tédio e sua falta de escrúpulos? Sabíamos do perigo antes de ver este filme primoroso? Acredito que Fellini e tantos outros nos criaram e nos decidimos pela arte, embora tenhamos também cedido diante dos perigos da sobrevivência. A obra de arte é sempre um parâmetro e a ela retornamos para entendermos melhor o que se passa conosco. Eu tinha esquecido quase tudo do filme, foi como ver pela primeira vez, mas senti que faço parte dele. Lembrava apenas algumas cenas, como o célebre banho de Anita Ekberg na Fontana de Trevi, ou o impacto da notícia da morte da família no assédio dos paparazzi sofrido pela viúva que ainda não sabia da morte do marido e filhos.

Vejo o filme como um romance (que contou, no script de Fellini, com seus colaboradores habituais, como Ennio Flaiano e Tullio Pinelli) com capítulos bem definidos numa cidade entregue ao fetichismo religioso e da indústria do espetáculo (o que às vezes se confunde, como na cena da igreja em que Marcello ouve o amigo Steiner, interpretado por Alain Cuny, tentar jazz no órgão). A visita da estrela clone de Marilyn Monroe com sua estupidez assessorada, seus arroubos megalomaniacos, sua manipulação dos homens, é uma crônica cruel de costumes da

Sétima Arte comercial e do jornalismo de entretenimento. Fellini é radical e não deixa pedra sobre pedra. A surra do tarzá Lex Baker na mulher que passou a noite fora com Marcello, que também apanha, é o final desse capítulo primoroso e inesquecível, que praticamente diz tudo sobre o vazio das vidas cooptadas para a exposição milionária de egos.

Um capítulo que me chamou a atenção pela coincidência com outro filme de Fellini, *Oito e Meio*, de 1963, foi a do casal de crianças que viram Nossa Senhora. Está tudo lá: as estruturas enormes de ferro num descampado com suas luzes feéricas, a loucura coletiva em torno de uma miragem, o rodopiado perdido do protagonista que participa da cena com sua indiferença criminosa. Há a destruição pela chuva e pelo vento e a apoteose da multidão que corre como louca num cenário de ruínas.

A relação de Marcello com a namorada louca, suicida e ciumenta Emma, interpretada por Yvonne Furneaux, é um drama de excessos que mergulha num intimismo de brutalidades, onde se diz tudo e as pessoas saem machucadas e incapazes de se separar. É um capítulo que se desenrola ao longo do filme e se contrapõe, por se circunscrever ao círculo do casal, ao ruído desfilado de personagens bizarros, todos tirados de uma elite absurda, perdida, decadente e mortal. A porção do filme rodada num castelo onde se caçam fantasmas na festa patética, mostra o que foi feito de um poder tradicional e aristocrático que se esvaiu diante da imposição da economia invasiva americana do pós guerra.

Steiner, o amigo de Marcello, é seu modelo de dedicação à família, de concentração e sobriedade, avesso à roda viva em que está metido. Mas é uma ilusão. O próprio Steiner avisa que não é feliz e que preferia se despedir numa vida sem compromissos do que se reduzir a uma cela doméstica. O assassinato dos filhos seguido de suicídio é a prova de que aquela casa tão cheia de talentos o tempo todo, de festa entre intelectuais e artistas, era tão vazia quanto a reunião de nobres fálidos ou estrelas do jornalismo e do cinema.

A salvação de Marcello não estava nos outros, mas em si. Ele não teve coragem de encarar essa verdade e entregou-se para o pior dos mundos, a mentira da publicidade, onde se transforma num bruto manipulador de pessoas, um execrável personagem da noite romana. Teve sua chance quando tentou entregar-se ao seu verdadeiro ofício, o talento que no fim abandonou. Preferiu que sua consciência se suicidasse por preguiça e covardia.

Eis a lição profunda do Mestre Federico Fellini, insubstituível na sua obra que colocou o cinema no mais alto nível da arte humana. Ninguém se compara a ele hoje. O remédio é revisita-lo para redescobrir o que precisamos. Revendo grandes filmes como este, podemos nos conhecer melhor e encarar a vida com menos dor e mais vontade de acertar.

Jantando o noticiário

Antigamente, os poetas compensavam suas desilusões com cavas e profundas olheiras, uma cinturinha de toureiro andaluz e uma tísica fatal até que o doutor Fleming descobriu as sulfas e a penicilina.

Hoje, comer é uma compulsão do mundo moderno, uma “doença” do século 21, talvez para contrabalançar as suas angústias.

Ser poeta e ser tuberculoso era uma “associação” quase natural. Um grande desgosto no amor ou na vida e – zás! – o sujeito se recusava a comer.

Que falta faz o mal de siècle, pelo qual uma face encovada e a ausência de barriga atestavam a “sensibilidade” do homem. Hoje, até os poetas são obesos. Talvez porque as desilusões e as más notícias sejam servidas à mesa. É preciso ter muito estômago para ligar o telejornal na hora do jantar. Há sempre uma bandeja de más notícias invadindo o seu palato.

O cardápio reúne quase todas as proteínas do mal. Justiça corporativista. Governos e prefeituras apanhados em grossa roubalheira. ONGs fantasmas “sugando” o meu, o seu, o nosso. Políticos ordenhando estatais.

Os “grampos” já não valem como provas, mas as gravações continuam “aterrorizantes”. Um deputado liga para o empreiteiro e reclama:

– Pô, cadê o “meu”? Já aprovei todas as emendas, quatro milhões e meio! Quando é que chega o “meu”?

O homem se vingando comendo. O mundo vai mal, o trânsito está pior, as sete pragas do Egito parecem adentrar a sala dos vivos. A vida “lá fora” anda tão lúgubre que guarda semelhanças com o Inferno dantesco – lírico e terrível.

Com tanta hostilidade do lado de fora, o ser humano prefere refugiar-se no seu “interior”, exercitando os sentidos, especialmente o paladar.

Não foi por outro motivo, senão esse abjeto panorama exterior, que o Palato, também conhecido como Céu da boca, deu uma espiada para o lado de dentro do corpo humano e gritou para o Estômago:

– Nem acompanhe o telejornal hoje, meu amigo, porque a “coisa” tá feia! Dá náuseas!

O Estômago, que é um rapaz sensível, não pode ver, sem se sentir enjoado, os acidentes de trânsito, o sangue derramado dos inocentes, os assaltos dos colarinhos brancos à bolsa da “Viúva”, a violência urbana e a insensatez política.

Disposto a esquecer esse teatro do absurdo, o Estômago gritou para o Palato:

– Hoje quero comer bem e beber melhor!

O Palato, que vive em conjunção carnal com a Língua – essa senhorita carnuda e fofoqueira –, começou a procurar as compensações que o seu dono exigia, por viver naquele mundo tão cruel e perverso.

Compensações “gastronomiques” – e também libativas, só para seguir aquele sábio conselho do filósofo-tupiniquim: – Vamos tomar “mais uma” pra manter o desequilíbrio...

– Vem aí um champanha! – comemorou o Palato. – É um Veuve Cliquot!

Haverá bebida mais adequada? O champã da Viúva!

Sorvido o abençoado apéritif, recepcionado pelo Palato e por todo o “encanamento” interior, a dose da Veuve eletrificou o esqueleto do vivo, produzindo um “frisson” de estremecer a espinha. Melhores emoções estavam por vir.

O Palato deu uma espiadela na mesa e informou:

– Hoje é o teu dia de sorte, seu istepô!

– E por quê? – quis saber o Estômago.

– Porque o populismo dos candidatos está pronto para oferecer ova de peixe-pedra e caviar a um real!

– Maravilha!

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Raissa entre os pais Tereza e Carlos Augusto Moreira Lima e a tia Gracinha Braúna Gago



Raissa soprando e vela do bolo de aniversário

JANTAR PARA RAISSA

Na última semana de julho Raissa Braúna Moreira Lima recebeu em sua bela residência, no Calhau, ao lado de sua amiga e companheira Anna Graziella Neiva Costa, queridos amigos e

familiares para uma jantar que celebrou em grande estilo a nova idade de Raissa, oftalmo de grande prestígio na cidade e que conta com a gratidão de muitos pela excelência do seu trabalho. Destaque para a presença do ex-presidente

José Sarney e dona Marly, e das tias de Fortaleza e do Rio de Janeiro que fizeram questão de prestigiar a sobrinha.

A noite foi repleta de boas risadas, vinhos das melhores safras e quitutes servidos com bastante

carinho e uma ambientação intimista e aconchegante preparada por Luís Carlos Matucke.

Aos que estiveram por lá a certeza de uma noite elegante, memorável e com uma atmosfera de muita amizade.



Dona Marly e o ex-presidente José Sarney entre Raissa e Anna Graziella



O Repórter PH com Gustavo e sua mãe Rosário Saldanha



Desembargadora Márcia Chaves, Rosângela Macieira, Raissa M. Lima e desembargadora Francisca Galiza



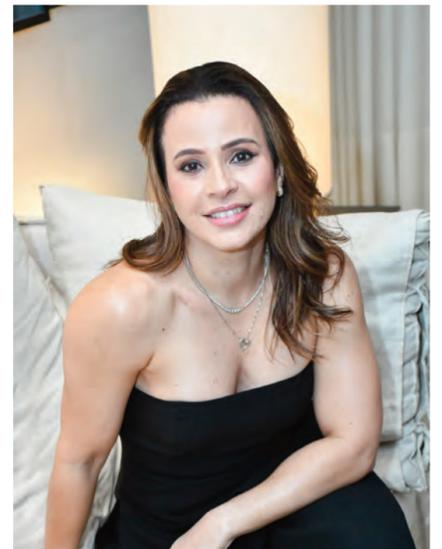
Luisla Bottino



Gracinha Braúna Gago com a filha Ana Catarina e Ivar Saldanha Neto



Hosana Fernandes, Raissa, Arícia e Christiane Azevedo



Vanessa Melo



Luciana Sarney



Igor Neiva e a namorada, Vanessa Melo



Luisla Bottino com o filho Pedro



Alina Cordeiro

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Marly e Bruno Lima com Anna Graziella Neiva



Fernando Barbieri, Raissa, Charles, Ana Maria Neiva, Rodrigo e Richard



Cláudia Vaz dos Santos e Gilberto Leda



As irmãs Arlete Brauna, Tereza Brauna, Yolete Brauna e Gracinha Brauna



Keila e Érico



Luís Carlos Mathias e Raissa Moreira Lima



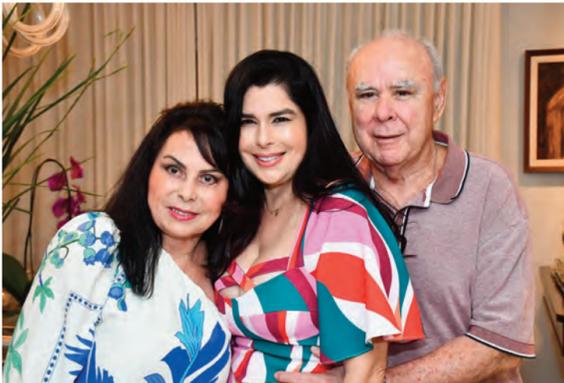
Marcela Simplicio, Raissa, Guilherme Frota e Anna Graziella Neiva Costa



Anna Graziella, Paulo Canto, Raissa e Marcella Oliveira



Christiane Azevedo e Hosana Fernandes



Raissa com os pais Carlos Augusto Moreira Lima e Tereza



Alina, Antônio Carlos Cordeiro, Betinha e Tarcísio Cordeiro



Rosário Saldanha e Leonardo Barros



Rosário Saldanha com Dona Marly e o ex-presidente José Sarney



Gustavo Albuquerque com Tarcísio Cordeiro e Raissa M. Lima



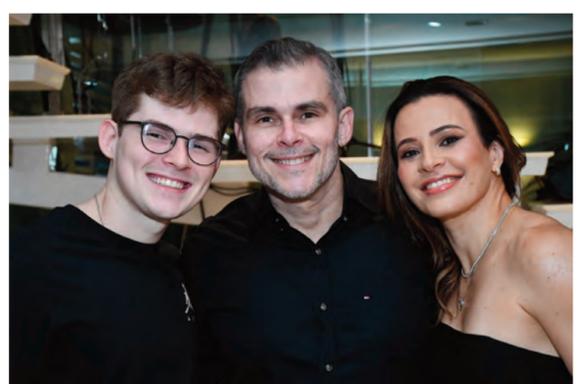
Marcella Oliveira e Paulo Canto



Raissa com Luisla Bottino e seu filho Pedro



Charles Barbieri, Anna Graziella, Richard e Rodrigo



João Marcelo Adler, Igor Neiva e Vanessa Melo

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Lu Cutrim Rauzier, Julien Anhoine Rauzier

CASAMENTO NO CENTRO HISTÓRICO

Foi tudo como a noiva sempre sonhou. Lu Cutrim circulou pela Europa, morou na Alemanha, na Inglaterra e, mais recentemente na França, onde conheceu

Julien Anhoine Rauzier. O romance ganhou forma com muito amor e paixão. E o resultado foi a realização, em São Luís, do casamento do casal, com uma bonita e

prestigiada festa no restaurante Quintas da Lisboa, no Centro Histórico de São Luís, com a presença de toda a família da noiva, que é maranhense, e amigos como Thatiana e César

Bandeira, a ex-primeira Dama da Capital Clay Lago e do Estado o procurador de Justiça Eduardo Heluy Nicolau, Dra. Ana Brandão e os filhos, entre muitos outros.



Os noivos entre Thatiana e César Bandeira



José Antonio Heluy, os noivos e Berilene Oliveira



Dr Ricardo Castro, Lu Cutrim Rauzier, Julien Anhoine Rauzier e Luziane Cutrim



Dra Susana Colares, Túlio Rodrigues, Lu Cutrim Rauzier e Julien Rauzier



A família Cutrim reunida: Luís Fernando Cutrim, Luís Roberto Cutrim, Luís Filipe Cutrim, Zuleide Cutrim (mãe da noiva), Lu Cutrim, Julien Luís Alfredo Cutrim, Edelvi Cutrim, Henrique Cutrim e os pagens Luís Otávio e Juliana Cutrim (sobrinhos da noiva)



Francesco Catalani (italiano) e sua noiva Dayane Vasconcelos ladeando os recém casados Lu Cutrim Rauzier e Julien Anhoine Rauzier



Lu Cutrim Rauzier com suas irmãs Luzicleide Cutrim e Luziane Cutrim



Thales Brandão e sua mãe Dra Ana Brandão, padrinhos dos noivos Lu e Julien



Dr Thales Brandão e sua noiva Dra Ana Letícia Lopes (médica plantonista - clínica geral)



Vanderlei de Oliveira Morais e sua esposa Maria Júlia



Davi Andrade (Prof Dr da UFMA), Lu, Julien e Dr Vilton Soares (Diretor de Relações Institucionais do IFMA)



Marcos Ceciliano (amigo especial dos noivos) e Teresa Brandão Nina



O casal Cutrim Rauzier com o amigo Eduardo Heluy Nicolau



Antonio José Soeiro, David Andrade e Vilton Soares



Os noivos Rodrigo Vilarinho e Magnólia Rolim ao lado do bolo de casamento



O desembargador Ricardo Duailibe presidindo a cerimônia de casamento

CASAMENTO NA INTIMIDADE DA FAMÍLIA

Magnólia Rolim e Rodrigo Vilarinho inauguraram o mês de agosto realizando a cerimônia de oficialização de uma união matrimonial já abençoada pelo amor. E assim eles selaram o compromisso de amor eterno no apartamento dos Rolim, no Calhau,

em cerimônia intimista presidida pelo desembargador Ricardo Duailibe.

É provável que aqui nos trópicos agosto, por se aproximar mais da primavera, passou a ser um dos meses preferidos dos noivos, desbancando a tradição do mês de maio.

Entre os casais que optaram pelo mês de agosto, estão Magnólia Rolim e Rodrigo Vilarinho, no primeiro dia do mês, e a filha dela, Hannah Rolim, que subiu ao altar da Catedral Metropolitana de São Luís no dia 2, para casar com Rogério Duailibe.



Os noivos com Mariele Rolim



Os noivos Rodrigo Vilarinho e Magnólia Rolim com João Rolim e Cosma Rolim



Abraço de Magnólia Rolim (filha) e da mãe Cosma Rolim



Magnólia Rolim e Rodrigo Vilarinho com Oliver Rolim Sarazin



Marielli, Hannah, magnólia, Rodrigo, Allença, Luana



Os noivos com os amigos Paulo André Santiago e Simone



Rogério e Ricardo Duailibe com Joaquim Haickel e João Rolim



Os noivos com João Batista e Thelma Garcia



Os noivos com Ricardo e Virgínia Duailibe



Ronan, Michelle, Rico e Regina Vilarinho, irmão, cunhada e mãe de Rodrigo



Rogério Duailibe e Hannah Rolim com os noivos



Jacira e Joaquim Haickel com os noivos



A noiva Magnólia Rolim com o amigo Julianderson Bandeira

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr

CLICK da influenciadora digital Thaynara OG, que também 'deu um pulinho' em Paris para acompanhar a movimentação dos Jogos Olímpicos, onde aproveitou para visitar vários pontos turísticos e desbravar as belezas da Cidade Luz



Carlos Piani, Carlos Afonso, Augusto Miranda e Maurício Velloso na apresentação e lançamento do Instituto Equatorial

Em uma solenidade que reuniu autoridades, imprensa, representantes da sociedade civil e clientes no Villa Reale da Avenida dos Holandeses, o Grupo Equatorial celebrou duas décadas de atuação no Brasil.

Afinal, ela está presente em 14 estados e no Distrito Federal como primeira empresa multisserviços do país, atuando, além do setor elétrico, nos segmentos de transmissão, renováveis, comercialização, saneamento básico, telecom

e serviços. O saldo de tudo isso? Mais de 52 mil empregos diretos gerados, dos quais 9 mil no Maranhão.

Durante o evento, o CEO do Grupo Equatorial, Augusto Miranda, o presidente do Conselho do Grupo Equatorial e um dos

fundadores da empresa, Carlos Piani, e o vice-presidente do Conselho, Guilherme Aché, foram unânimes em afirmar que o modelo de negócio bem-sucedido foi a base para o crescimento e consolidação do grupo.



Jorge Murad e o CEO do Grupo Equatorial, Augusto Miranda



Jacira e Joaquim Haickel



Thayse Feques e Alex Barbosa, Eveline Cunha e Werton Araújo, da TV Mirante



Jornalista Evandro Júnior, do Grupo Mirante



Jornalistas João Ricardo e Flávia Bittencourt



Augusto Miranda e a esposa Magali entre Danielle e Adriana Vieira, da InterMídia



Empresário Felipe Ribeiro durante participação no podcast 'Arena de Resultados', na última segunda-feira

Na última segunda-feira (29), o empresário Felipe Ribeiro, que após uma temporada nos Estados Unidos abraçou o desafio de empreender no Maranhão, participou do podcast 'Arena de Resultados', apresentado por Haroldo Padilha no YouTube. O bate-papo, inclusive, está disponível no canal.

Com empresas de investimentos, engenharia e gestão financeira, ele vem alcançando excelentes desempenhos no mercado. No entanto, a "menina dos olhos" é a RendMais, primeira securitizadora do Maranhão. Trata-se de uma plataforma inovadora do setor de investimentos que está se consolidando cada vez mais como uma ponte entre investidores e projetos empresariais.

Especializada em investimentos imobiliários e no agronegócio, é um elo entre investidores e construtoras. Com um investimento inicial de apenas R\$1.000,00, é possível acompanhar o crescimento do patrimônio com clareza e confiança. A sede fica no terceiro andar do Edifício Los Angeles,

na Avenida Colares Moreira. A plataforma pode ser acessada no endereço rendmaisinvest.com.br.

Seleção de projetos

A empresa oferece segurança de imóveis e ativos agrícolas reais como garantia, permitindo acompanhamento da aplicação do dinheiro. A iniciativa tem se destacado por sua abordagem criteriosa na seleção de projetos, oferecendo aos investidores a oportunidade de financiar iniciativas e receber rendimentos diretamente na conta corrente.

Várias propostas são recebidas a cada semana. São avaliados o histórico financeiro, jurídico e técnico de cada empresa e firmadas as garantias específicas para cada operação. Depois de aprovados, os projetos são publicados no aplicativo. Novas oportunidades são lançadas a cada semana e variam em risco, rentabilidade, prazo e forma de pagamento.



Plínio Tuzzolo fez aniversário recentemente e ganhou homenagem surpresa

Diretor geral do Hospital do Servidor Estadual (HSE/HSLZ), Plínio Tuzzolo trocou de idade recentemente e ganhou homenagem surpresa de sua equipe de colaboradores.

Com direito a discursos de colegas, entrega de placa comemorativa e exibição de vídeos com depoimentos de seu time e da Diretoria do Grupo Mercúrio, ele foi definido como um líder justo e humano, sempre entusiasmado com a gestão hospitalar e comprometido em buscar os melhores resultados

● A Associação Brasileira de Motéis (ABMotéis), em parceria com a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) e o Sindicato Empresarial de Hospedagem e Alimentação do Maranhão (Sehama), promoverá, de 6 a 8 de agosto, no Brisamar Hotel (Ponta d'Areira), dois eventos gratuitos direcionados a empresários do setor moteleiro e

hoteleiro de São Luís e região.

● A programação integra o projeto da ABMotéis de levar cursos e workshops a empresários desses segmentos no Brasil

● No dia 6 de agosto, a ABMotéis realizará o Fórum de Gestão Moteleira, com palestras de

Felipe Martinez, presidente da ABMotéis, e Leonardo Dib, sócios da LHG Hospitalidade, que gerencia as marcas Lush, Tout e Andar de Cima. As palestras abordarão marketing em motel e hotel, perfil do consumidor e conceitos de gestão.

● Já nos dias 7 e 8, serão realizados workshops

profissionalizantes de governança e recepção em motel, focados no treinamento de colaboradores e equipes que atuam no dia a dia desses empreendimentos.

● Os workshops serão ministrados por Antônio Carlos Morilha, diretor do Núcleo Educacional da ABMotéis.